

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de S. Paulo Class.: ASAR 0002

Data 02/10/78 Pg.: 47

Malária, leishmaniose, gastroenterite, diarreia, verminose e lepra — tudo isso mata na Amazônia, onde estão aparecendo agora outras moléstias, como a oncocercose e a doença de

Chagas. Algumas doenças como a febre negra de Lábrea e a febre hemorrágica de Altamira, são um mistério. Morre-se também de desnutrição, reve-

lam os relatórios do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), um dos 10 maiores institutos de pesquisa do País e possivelmente o maior do mundo dedicado a uma só região geográfica.

Seus cientistas — mais de 200 — estudam tudo desde porque morrem as crianças às margens dos rios até como cultivar o solo ou transformar, em papel, os bambus do Acre.

Um desafio a ser vencido: as doenças

Quando o general Rosalvo Jansen se comove diante da miséria dos mais isolados lugares da Amazônia, não faz mais do que reagir diante de uma realidade com a qual é obrigado a conviver. Os cientistas do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) já não se comovem com essas coisas duras. A ingrata tarefa de narrar diferentes tragédias em seus relatórios, pelo menos é o que parece, acabou por torná-los frios.

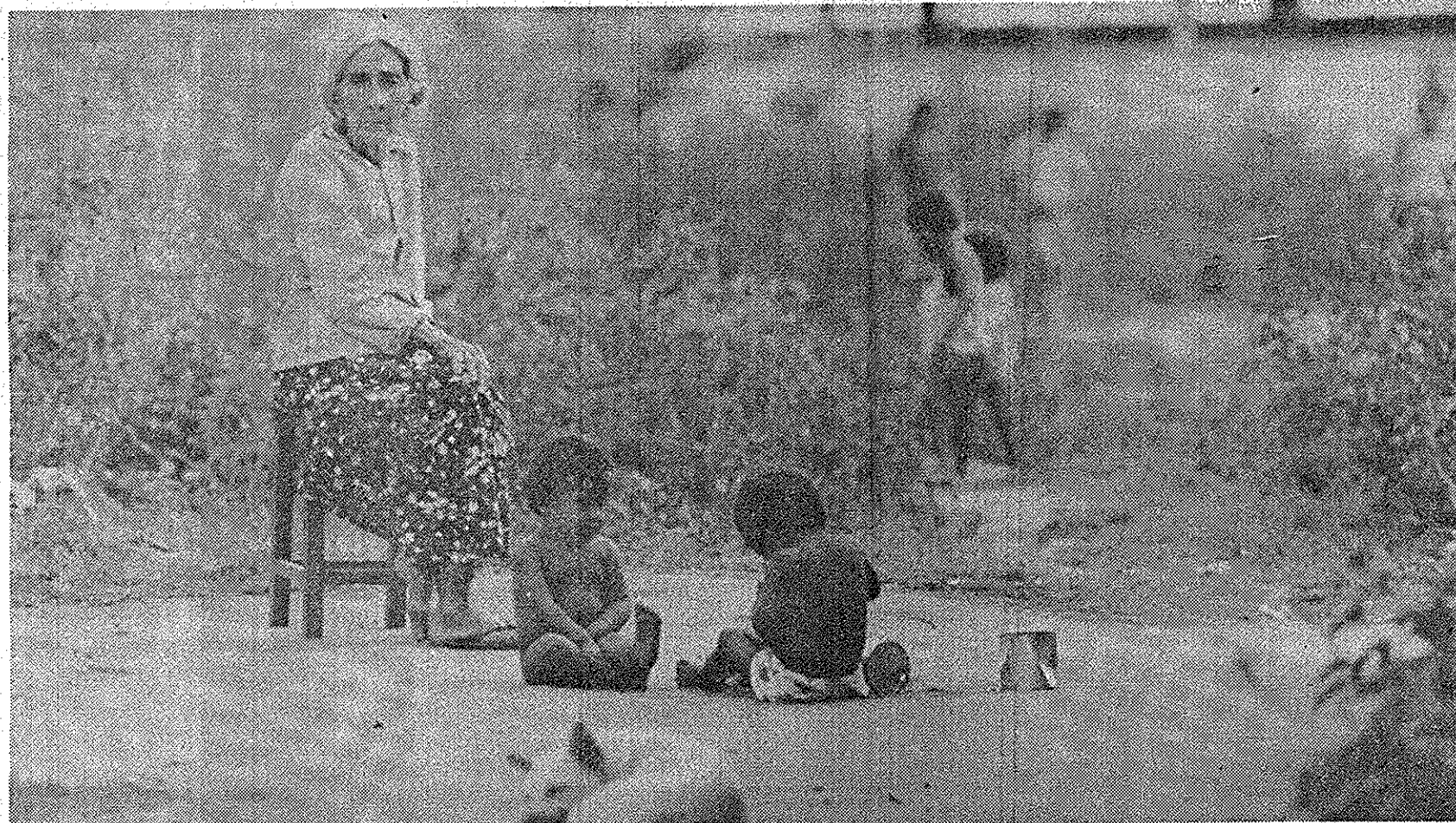
Pelas folhas desses relatórios — centenas deles — desfilam as mais desconcertantes descobertas. O homem da Amazônia é faminto, desnutrido, sofre não de uma ou duas doenças, mas de várias, e até hoje não sabe como sobreviver dignamente num ambiente hostil. Se orientado e assistido, entretanto, poderia pelo menos ser uma criatura sã e bem alimentada. É o que concluem essas pesquisas, em diversas áreas do conhecimento.

AS DESCOBERTAS

Nem sempre é fácil pesquisar na Amazônia. Ao estudar a malária na selva, por exemplo, cientistas do Inpa acabaram contraindo a doença. Um deles, Mohammad Rabbani, morreu, após contrair uma infecção mista de *Plasmodium falciparum* e *Plasmodium vivax*, num trabalho ao longo da rodovia Manaus-Caracará.

Desobriu-se, através dessas pesquisas, que o *Plasmodium falciparum*, vetor da malária, adquiriu resistência às drogas existentes. A malária é a segunda enfermidade que atinge as populações dos trópicos, e segundo o professor José João Ferraroni, do Departamento de Parasitologia do Inpa, "está ultimamente alarmando as autoridades em saúde pública, e sua erradicação cada vez mais distante com o uso de métodos convencionais".

Muito mais do que isso descobriu o Inpa. Encontrou vetores primários e secundários de leishmaniose na região de Manaus e detectou pela primeira vez, na Bacia Amazônica, casos autóctones da doença de Chagas, até então inexistentes ali. A *Eimericia coli*, produtora de toxinas capazes de causar diarreia, foi não só detectada, mas também isolada. "Essa descoberta — observa o professor Warwick Kerr, diretor do Inpa — nos elucidou novos agentes causadores da diarreia, a doença de



Faminto, desnutrido, ameaçado por doenças que vão da malária à febre negra de Sábrea — esse é o habitante da Amazônia, sempre em luta com a natureza hostil

maior morbidade e mortalidade na Amazônia.

Ao comentar a descoberta da doença de Chagas no rio Paduari, já em setembro de 1975, o professor Kerr faz uma advertência: "A Amazônia só não tem o problema da doença de Chagas porque os triatomídeos ainda não se tornaram domésticos, já que o volume da floresta é muito maior que o volume urbano". Isto significa que, com a urbanização, a doença poderá proliferar.

Outro pesquisador do Inpa, Mário Pinto de Moraes, iniciou no ano passado os estudos sobre a oncocercose no Brasil. Essa doença — que provoca cegueira irreversível — apareceu no Norte do Amazonas, mas está estendendo-se aos Estados do Pará e a todo o Território de Roraima. E, tem atacado mais gravemente os populações indígenas na fronteira com a Venezuela, principalmente a nação Ianomama. A oncocercose é transmitida pelos mosquitos "piuns".

Mas as doenças que mais matam na Amazônia — e matam

sobretudo crianças — são as gastrointestinais. Pesquisa do Inpa revelou que, numa população examinada, 32 por cento das crianças apresentaram diarreia logo no momento da coleta de fezes. Outra pesquisas, às margens do rio Negro, concluiu que 80 por cento das crianças achavam-se parasitadas, a maioria por ancilostomídeos, mas em média tais crianças têm apresentado enteroparasitas diferentes.

Todo esse quadro é agravado pela desnutrição. Após visita a 59 famílias ribeirinhas na várzea do Alto Solimões, os nutricionistas descobriram que 50 por cento das crianças são desnutridas e 70 por cento, anêmicas. No rio Negro, a situação é pior: 62 por cento das crianças são desnutridas e 85 por cento, anêmicas, assim como são também anêmicas 60 por cento das mães.

Tudo poderia ser diferente, se a população da Amazônia utilizasse em sua alimentação produtos nativos como a fruta-pão, a pupunha, o sagu, a wauba, o

feijão de asa e a jaca. O caboclo alimenta-se basicamente de farinha de mandioca e peixe, o que não basta. A modificação de hábitos alimentares sedimentados através de gerações e gerações é sempre uma tarefa difícil.

O Inpa possui um estudo sobre uma "floresta de alimentos", prevista num programa de "agricultura ecológica" de sentido basicamente social. O professor David Arkcoll, do Departamento de Agricultura do Instituto, lembra que "metade da população amazônica, aproximadamente, habita a zona rural e a maioria encontra-se em estado miserável e precário. Estamos tentando encontrar se e como seus problemas e práticas agrícolas são responsáveis pela presente situação para que possamos conduzir nossas pesquisas de maneira apropriada e melhorar esta situação".

Acredita-se que a terra firme possa ser usada para cultivos anuais quando se utiliza o cultivo misto, fertilizantes, inseticidas, rotações apropriadas e "cultivação mínima" em combi-

nação. Os custos de capital e técnica são, porém, consideráveis, e obviamente não disponíveis ao caboclo. O programa de "agricultura ecológica" tem isso em consideração.

Esse programa objetiva a substituição da floresta natural por árvores frutíferas em consórcio, em vez da derrubada, como se faz na agricultura tradicional. Assim, seria possível, sem agressão ao ambiente, dar ao caboclo uma renda e também alimentos, principalmente vitaminas e minerais. "Como extensão lógica desse trabalho — explica Arkcoll — estivemos estudando árvores que forneçam também energia e proteínas." A floresta de alimentos objetivaria alimentar totalmente o homem.

Foram feitas experiências com árvores que produzem óleo, como o dendê, o calaué, a bacaba, o pataúá, o babaçu, os coqueiros e o piquilá; com árvores que produzem amido, como a fruta-pão de massa, o pacová, a jaca, o sagu e a wauba; e com árvores que produzem proteínas, como a fruta-pão de caroço,

a jaca, a parkia sps, a samane e as trepadeiras perenes, como o feijão de asa, a canavalia e outras. Descobriram-se árvores de fruta-pão que crescem mais de três metros no primeiro ano, e jaqueiras de alto rendimento, com mais de uma tonelada de frutos por árvore.

DIVERGÊNCIAS

O Inpa é um dos 10 maiores institutos de pesquisa do País e possivelmente o maior do mundo dedicado a um só tema — no caso, a Amazônia. Sua biblioteca tem um acervo de quase 150 mil volumes, entre livros, fascículos e periódicos, e seu corpo de pesquisas integra 230 cientistas.

Mas o chefe da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública — em Manaus, Carlos Quiroga, fica irritado quando lhe falam que as pesquisas desse instituto concluíram ser o *Anopheles darlingi*, transmissor da malária, resistente ao DDT, ou que o *Plasmodium falciparum* está resistindo às drogas convencionais.

— Isso está errado.

A Sucum tenta erradicar a malária espargindo DDT nas residências e trata a doença com drogas convencionais, pois não há outras. Se as pesquisas do Inpa estiverem corretas, o trabalho da Sucum estará condenado ao vazio. É difícil, para Carlos Quiroga, admitir a inutilidade do seu esforço para erradicar a malária da Amazônia.

— Nós não temos *darlingi* em Manaus desde 1975. Nosso trabalho, aqui, é feito à base de DDT, borrifado de seis em seis meses. Por que o *darlingi* desapareceu? Não terá sido, creio, por obra e graça do Espírito Santo.

Ele reconhece que há *Anopheles darlingi* nas estradas e na selva. "É claro que existe, pois lá não podemos borriar. Não temos meios de cobrir toda essa área, muito menos de seguir o homem dentro da mata."

O Inpa já sugeriu à Sucum um trabalho conjunto para esclarecer melhor essa pesquisa sobre a resistência do *darlingi* e do *falciparum*, mas Quiroga faz um gesto de contrariedade quando lembra tal proposta:

— Trabalho conjunto? Ora, nós fazemos tudo o que o Inpa faz. Temos dois entomologistas. Também eles sabem que algumas cepas do *Plasmodium* são resistentes à cloroquina, como diz ter descoberto o Inpa. Mas só algumas cepas. E digo mais: o melhor remédio para a malária ainda é a cloroquina.

A afirmação contraria as descobertas do pesquisador Ferraroni, do Inpa, mas Quiroga não quer mais falar sobre esse assunto. E sentencia:

— Ora, esse Ferraroni vive viajando. Ele só faz cursos, não pára de trabalhar nesses cursos. Agora mesmo está nos Estados Unidos concluindo as pesquisas sobre uma vacina contra malária. É um colecionador de diplomas.

É verdade. Ferraroni está nos Estados Unidos, e, segundo se murmura no Inpa, retornará com uma espécie de bomba: anunciará, finalmente, a descoberta de uma vacina contra a malária, o que revolucionará o tratamento da doença em todas as partes do mundo onde ela se apresenta.